



Modernidade à brasileira

Rachel Esteves Lima

Miranda, Wander Melo (org.). *Anos JK: margens da modernidade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa, 2002. 170p.

Em artigo publicado recentemente, José Murilo de Carvalho afirma estar em construção a memória de Juscelino Kubitschek. Tal processo atinge o seu ponto culminante em 2002, quando se comemora o centenário do ex-Presidente, com exposições, documentários e publicações diversas. Longe, no entanto, de atribuir o empreendimento rememorativo da figura de JK aos rituais celebratórios que rondam as datas históricas, o estudioso da República aponta como fatores condicionantes para a releitura dos “anos dourados” o reconhecimento do exemplo democrático oferecido por Juscelino e, principalmente, o reenvio nostálgico a uma era de otimismo e alegria.

Esta conclusão parece se comprovar com a leitura de *Anos JK: margens da modernidade*, lançado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e a

Casa de Lucio Costa. Reunindo ensaios apresentados em Diamantina durante o Festival de Inverno de 2001, o livro não se propõe simplesmente a atender às celebrações do centenário de nascimento de Juscelino e Lucio Costa. Antes, busca promover, segundo o organizador da coletânea, Wander Melo Miranda, uma “reflexão, muitas vezes bem humorada, para não perder o ritmo da época abordada”, sobre a especificidade do processo de modernização brasileiro, que viveu, sob a gestão de JK, o seu momento áureo.

Consoante com os objetivos do projeto *Margens/Márgenes*, a que se vincula, a obra foge à perspectiva totalizante, privilegiando a leitura interdisciplinar e a análise de produções culturais periféricas, na busca de uma interpretação que suplemente os sentidos já cristalizados sobre a época.

Tal opção resulta numa visão fragmentária, assumida através da divisão do volume em pequenos blocos e da composição em mosaico da maior parte dos ensaios.

Essa estratégia, ousado dizer, pode gerar certo desconforto em adeptos das análises sociológicas, que relegam à cultura e, principalmente, à cultura produzida à margem dos centros hegemônicos, o papel secundário de refletir as condições político-econômicas ditadas por seus representantes. Mostra-se, contudo, bastante apropriada para o estudo dos anos 1950, uma vez que, nesse período, paradoxalmente, ocorre no país um duplo movimento: o primeiro, de abertura ao processo de transnacionalização, que resulta, de acordo com a análise dos teóricos do pós-modernismo, na inserção da esfera cultural nas redes do capitalismo

globalizado e no abalo das visões dicotômicas predominantes no universo intelectual da época; o segundo, voltado à integração nacional, através da transferência da capital para Brasília e da criação da malha rodoviária federal, iniciativas que comprovam a força do imaginário na construção da ordem política e econômica. O privilégio concedido ao fragmento e às margens cumpre, pois, a função de fugir ao contínuo historiográfico e apontar as contradições inerentes à nossa modernidade. Uma modernidade (felizmente?) sempre pronta a recomeçar, sempre em processo de revisão e revitalização.

As contradições podem ser percebidas já pela bem cuidada capa do livro, em amarelo-bandeira, na qual se contrapõem à imagem do Plano-piloto alguns desenhos de fachadas barrocas, produzidos em 1924 por Lucio Costa, quando de sua viagem a Diamantina. Os paradoxos seguem sendo apresentados tanto no texto introdutório de autoria do arquiteto quanto nos ensaios.

Na primeira parte, a visão ambivalente da atuação de Juscelino é apresentada por Carla Anastasia, Lúcia Lippi e Rodrigo Motta, respectivamente, através da leitura de textos de Drummond e Nelson Rodrigues, da análise da conciliação dos aspectos culturais aparentemente díspares que forjaram o mito JK, e do estudo de movimentos de direita, como, por exemplo, a Cruzada Brasileira Anticomunista e a TFP, que encontraram, nas décadas de 1950 e 60, espaço para sua pregação conservadora.

A segunda parte detém-se na análise da arquitetura de Niemeyer. O ensaio de Lauro Cavalcanti aponta a ambígua opção pela monumentalidade do projeto de Brasília frente ao ideário modernista, pautado na premissa de que “a forma deve seguir a função”, mas o melhor rendimento analítico conferido ao tema fica por conta de Carlos Antônio Brandão, no texto que pode ser considerado o ponto culminante do livro.

Demonstrando coragem, segurança e rara erudição, o autor, longe de se deter no lugar-comum da “valência plástica” da obra de Niemeyer, analisa contrastivamente o viés utópico adotado nos projetos encomendados por JK, em 1950-51, para a cidade-natal do então Governador de Minas, e as obras da Pampulha e de Brasília. Brandão contrapõe-se à autonomia da obra de arte e defende a importância do resgate da articulação entre teoria e prática, racionalismo e universalismo, arte e política, presente nos trabalhos coletivos voltados para a construção da *res publica* sonhada pelo arquiteto. Insistindo na necessidade de manter aberta a possibilidade de intervir no processo histórico, o ensaio retoma a valorização da noção de projeto, evidenciando o papel da arte enquanto índice dos sonhos humanistas de Battista Alberti e virtual catalisadora de movimentos contra-hegemônicos. Nesse sentido, recusando-se a pensar o pós-moderno como superação do moderno e a propor hierarquias entre essas categorias, o autor afirma que a importância dos conjuntos da Pampulha e de Brasília reside justamente em dar a conhecer a exaustão do sonho modernista. Considera-os como “nossos primeiros sinais de pós-modernidade, entendida tanto como consciência e perspectiva crítica que o olhar da modernidade lança sobre si própria quanto como o espanto de verificar que a aplicação extrema aos processos e métodos levava a fins imprevisíveis e indomáveis devido à própria abertura da ação humana, que não se limita ao labor.”

O movimento de releitura, ou reinvenção, do ideário moderno é também objeto da terceira parte do livro. O ensaio de Eneida Maria de Souza discute a absorção tardia e diferencial das experiências modernistas pela literatura mineira produzida a partir dos anos JK, enquanto Renato Cordeiro Gomes parte de gêneros “menores”, como a crônica e os depoimentos, para apresentar a proposta antropofágica que levou a bossa-nova

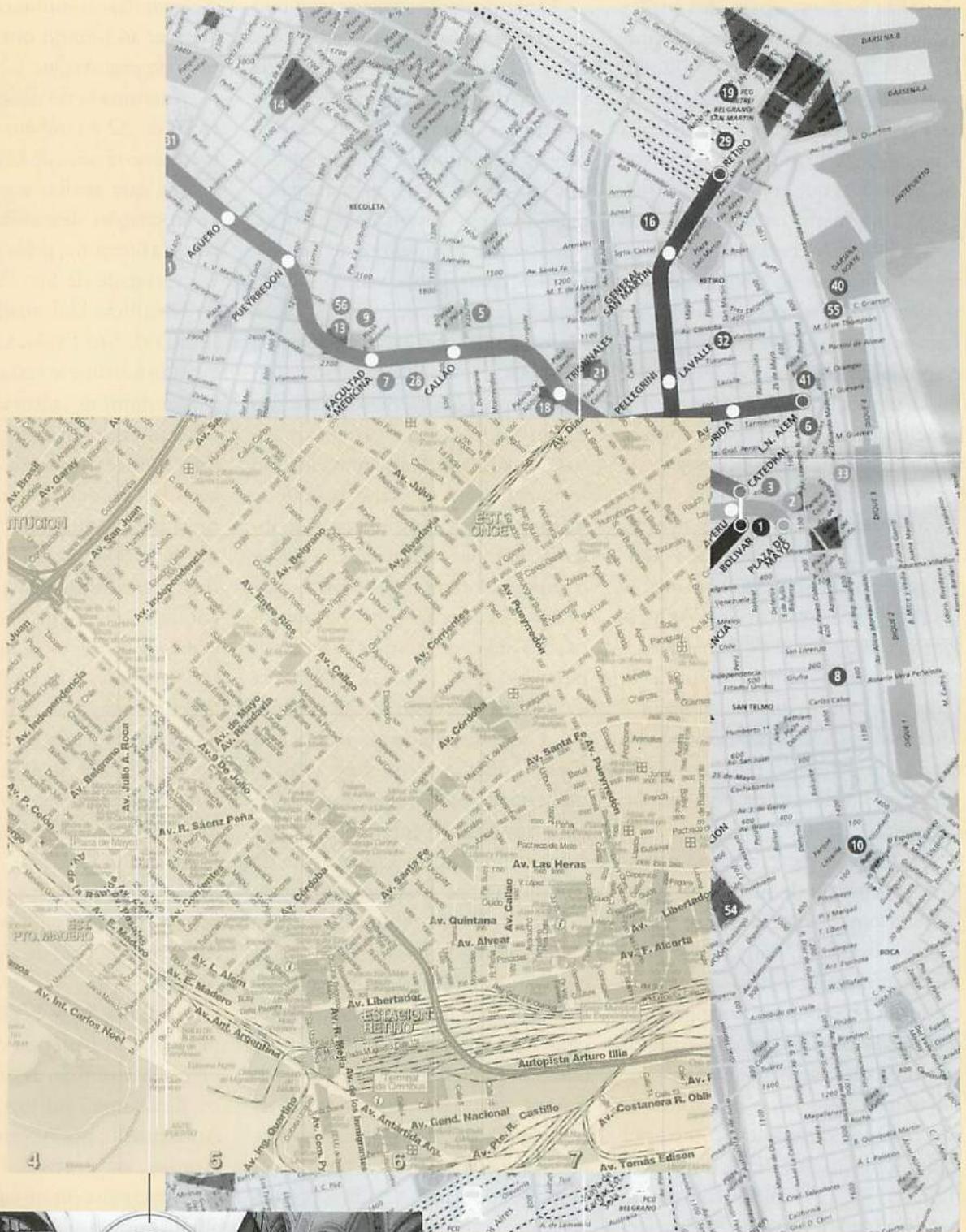
a concretizar o sonho oswaldiano de oferecer ao mundo um produto cultural de exportação.

A retomada do diálogo com a geração de 22 é também contemplada no último ensaio, de Leda Tenório da Motta, que analisa a polaridade das interpretações desenvolvidas, no terreno da literatura, pelos professores da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Curiosamente, quando a análise se volta para um centro produtor de cultura, pode-se perceber um certo deslize no humor predominante no livro. Talvez isso aconteça porque a retomada da “boa briga crítica” mimetiza o tom irônico da discussão sobre a dependência cultural, desenvolvida pelas escolas paulistas de Augusto e Haroldo de Campos, Roberto Schwarz, Paulo e Otilia Arantes, que tem muito mais a ver com o universo FHC do que com a mineira conciliação dos contrários da era JK. De qualquer forma, em tempos sombrios como o nosso, vale recuperar o sentido etimológico da palavra que batizou a Geração *Noigandres*, qual seja, um “antídoto contra o tédio”, na esperança de introduzir “um grão de alegria” no presente.

A última parte é dedicada à recuperação da experiência de Lucio Costa em Diamantina, da qual resultaram os desenhos, até então inéditos. Apresentados por Ângelo Oswaldo de Araújo, os grafites barrocos do arquiteto parecem metonimicamente aludir à impossibilidade de fechar o ciclo a que se referem os textos reunidos no livro, imagem exemplar do embaralhamento espaço-temporal que rege os discursos da memória de uma modernidade sempre aberta, uma modernidade à brasileira, tecida, como queria Guimarães Rosa, nas margens.



Rachel Esteves Lima é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais.



Sede dos Institutos da Faculdade de
Educação Física e Letras da Universidade de
Buenos Aires.